



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Thaís Alessandra Machado

Pé-de-ameixas-amarelas: contos sáficos

Florianópolis

2025

Thaís Alessandra Machado

Pé-de-ameixas-amarelas: contos sáficos

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Língua Portuguesa.

Orientador(a): Profa. Dra. Luana Barossi

Florianópolis

2025

Machado, Thaís Alessandra

Pé-de-ameixas-amarelas : contos sáficos / Thaís
Alessandra Machado ; orientadora, Luana Barossi, 2025.
51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua
Portuguesa, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. contos . 3. escrita
criativa. 4. literatura sáfica. 5. representatividade
sáfica na literatura. I. Barossi, Luana. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua
Portuguesa. III. Título.

Thaís Alessandra Machado

Pé-de-ameixas-amarelas: contos sáficos

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Florianópolis, 26 de novembro de 2025.



Coordenação do Curso

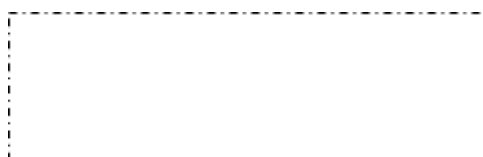
Banca examinadora



Profa. Luana Barossi, Dra
Orientadora



Nadege Ferreira Rodrigues Jardim
Universidade Federal de Santa Catarina



Daniela Schrickte Stoll
Pesquisadora Independente

Florianópolis, 2025.

Para todas as mulheres que me inspiram.
Em especial minha mãe, minhas irmãs e minha namorada.
Que bom que temos umas às outras.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais, Márcia e Alexandre, que trabalham todos os dias embaixo de sol e de chuva para nos dar uma boa vida. Sem o incentivo e apoio de vocês esse trabalho não seria possível. À minha querida irmã, Beatriz, que cresceu e viveu todos os momentos da vida ao meu lado. E à minha pequena Sofia, que é minha luz e motivação para continuar. Vocês são minha casa, e tudo é por vocês.

À minha querida professora e orientadora, Luana Barossi, por toda paciência e atenção durante esse processo, por sempre acalmar minha mente ansiosa com suas palavras e conselhos.

À minha amada, Rafaela. Por todo apoio, por aguentar todos os meus momentos e por tornar a rotina mais tranquila. A sua presença tornou tudo possível. Essas histórias também são sobre você.

Aos meus filhos felinos, Chico e Neko, por me encherem de carinho e beijinhos, e serem minha fonte de felicidade diária.

À minha amiga Gabriela Caye, por compartilhar e ouvir os surtos durante toda a graduação e tornar tudo leve e divertido.

Aos meus queridos avós que me proporcionaram uma infância feliz e diversas histórias para contar. Sinto saudade de tudo.

Se Deus pudesse contar a estória do Universo, o Universo se tornaria fictício.

(Forster, 1974, p.43)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso possui uma proposta diferente do que frequentemente encontramos no curso de Letras - Português e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se de um trabalho em Escrita Criativa, que não é essencialmente construído a partir de uma análise ou pesquisa, mas sim a partir da criatividade, assumindo um tom mais pessoal. Foram produzidos, no total, nove contos que, em sua maioria, são construídos dentro do que se costuma categorizar como Realismo Mágico, além de serem envolvidos pela temática sáfica. Temas como infância, envelhecimento, morte e luto também surgem nas narrativas, estruturando cada história de uma forma.

Palavras-chave: Escrita Criativa; Contos; Narrativa Sáfica.

ABSTRACT

This final paper/course conclusion work has a different proposal from what we frequently find in the Portuguese and Literatures course at the Federal University of Santa Catarina. This is a work of Creative Writing, which is not essentially built upon analysis or research, but rather upon creativity, taking on a more personal tone. A total of nine short stories were produced, which are mostly constructed within what is usually categorized as Magical Realism, in addition to being enveloped by the sapphic theme. Themes such as childhood, aging, death, and grief also appear in the narratives, structuring each story in a specific way.

Keywords: Creative Writing; short stories; sapphic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 NOTAS SOBRE A ESCRITA	21
2 SE GANHA PELO ESTÔMAGO	25
3 PROPULSÃO TERRESTRE	29
4 UM CONTO SOBRE A TERRA	30
5 NAMORADEIRA	34
6 PÉ-DE-AMEIXAS-AMARELAS	37
7 SONHO ESTRANHO	40
8 EFEITO BORBOLETA	43
9 QUER CRESCER?	45
10 O QUE É QUE A SENHORA VÊ QUANDO OLHA NESSE ESPELHO?	47
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é construído principalmente a partir da ideia do que chamamos de Escrita Criativa. Segundo o autor Amabile (2020), o eixo de estudos em Escrita Criativa se espalhou pelo mundo a partir da década de 1970. No entanto, como ele afirma em seu ensaio, ainda é algo pouco explorado nas universidades brasileiras. Para o autor, quando pensa em Escrita Criativa, pensa em “um ambiente que estimule a leitura, a pesquisa e, sobretudo, a produção de textos com recursos literários, tanto no campo da ficção quanto no da não ficção.” (Amabile, 2020, p.146). Amabile fala sobre a importância do “encontro”, referindo-se principalmente ao encontro no âmbito acadêmico, onde se encontram “leitores sérios e interdisciplinares” (Amabile, 2020, p.144).

A autora Francine Prose, em sua obra *Para ler como um escritor*, traz um manual amplo sobre a Escrita Criativa, se afastando e refletindo sobre os princípios acadêmicos. Ela percebe a literatura “não como ciência, mas como exercício de sensibilidade.” (Moriconi, 2008, p.9). Prose constrói seu livro a partir da análise de grandes obras de escritores renomados, como Jane Austen, Kafka e Flannery O’Connor, e do resgate das memórias da sua própria vida, de momentos da infância, adolescência, dos estudos e passeios com a família. Já no final da obra, ela destaca algo que traçou no decorrer dos capítulos:

[...] muito do que nós próprios consideramos indispensável para uma obra de ficção pode vir a se revelar supérfluo à medida que avançamos em nossas leituras. Se a cultura estabelece uma série de regras que o escritor é instruído a observar, a leitura nos mostrará como elas foram ignoradas no passado, e como isso teve um resultado feliz. Assim, permita-me repetir mais uma vez: a literatura não só infringe regras como nos faz compreender que não existe regra alguma. (Prose, 2008, p.201)

Compreende-se, portanto, a importância do meio acadêmico na construção de repertório, no domínio de técnicas e teorias sobre estruturas narrativas, ficção, e até mesmo sobre a Escrita Criativa. Considerando esses recursos, acredito¹ que estar no meio acadêmico pode ser considerado um passo dado, principalmente pelo

¹ Opto, aqui, pela escrita em primeira pessoa em decorrência do teor do presente trabalho, que se configura a partir do ato criativo, no qual a impessoalidade usualmente utilizada na academia seria uma descaracterização.

acesso a informações, livros e a discussões que não encontramos em qualquer ambiente, o “encontro” mencionado por Amabile. Mas acredito que a Escrita Criativa vá muito além disso, e que não dependa essencialmente desses elementos. Como aponta Prose, não existe, de fato, uma regra convencionada na criação de narrativas, apenas teorias institucionalizadas no meio acadêmico. Apesar disso, a contemplação da vida cotidiana, das memórias da infância, do ambiente em que se vive e das pessoas com quem se convive, são uma bagagem de extrema importância para a criação de textos, principalmente se tratando de narrativas ficcionais.

Concebida a ideia de Escrita Criativa, vale ressaltar que esse seria, portanto, o “modelo” ou “categoria” deste Trabalho de Conclusão de Curso, que difere de uma pesquisa ou análise, pelo fato de trabalhar necessariamente com a criatividade, não se apoiando em outros materiais - a não ser como fontes de inspiração e de estudo de técnicas e teorias – para a produção de textos.

Arelado ao conceito da categoria do presente trabalho, está o conceito do gênero discursivo utilizado em sua produção, o gênero conto. O conto é caracterizado principalmente por ser uma narrativa curta, de poucas páginas, e por isso apresenta um número conciso de personagens e acontecimentos. Em seu ensaio *Formas Breves*, o autor Piglia (2004) apresenta algumas teses sobre a forma do conto, refletindo sobre como esse gênero se constitui. A primeira tese do autor é que sempre há duas histórias em um conto. A segunda é que uma dessas histórias seria secreta e que seria a base para a forma do conto. Ele ainda diz que na literatura se “trabalha a ilusão de um final surpreendente, que parece chegar quando ninguém espera para cortar o circuito infinito da narração e que, no entanto, já existe, invisível, no coração da história que se conta.” (p.105). Uma história sempre permanece sutil, até que um elemento faz tudo mudar e deixa a história, antes oculta, agora nítida. É possível identificar as duas histórias presentes na maioria das produções textuais presentes neste trabalho. Em algumas, é preciso ter uma leitura mais apurada e refletir sobre os personagens da narrativa. Mas é interessante ter esse conceito em mente e refletir sobre a história não dita nessas narrativas, que acabam construindo a história que é dita.

Para a leitura dos contos, também se faz importante uma breve discussão acerca do gênero Realismo Mágico, presente na maioria das narrativas. O Realismo Mágico, ou Real Maravilhoso, começa a ser discutido no século XX, levando em

consideração os resquícios deixados pelo sistema colonial. Para os autores Borges e Santos, o Realismo Mágico “vem da ideia de que o ficcional dialoga com o real na sua forma de representar determinado objeto que já existe no cotidiano, mas ganha um trato próprio da linguagem literária, possibilitando um diálogo frutífero entre realidade e ficção.” (Santos e Borges, 2018, p.21). E, embora o conceito tenha vindo da Europa voltado para a pintura expressionista, se consolidou na América Latina de uma forma diferente, tornando-se “exclusivamente vinculado ao fazer literário.” (2018, p.22). O gênero surge, então, como forma de se distanciar da visão europeia de literatura, de forma a trazer elementos culturais, folclóricos e estéticos latino americanos como aspectos centrais. Neste trabalho, o conceito de Realismo Mágico, de certa forma, se amplia, também se modificando: temos cenários, diálogos e personagens do cotidiano, mas pequenos indícios e referências do fantástico e da magia. Além disso, nas narrativas aqui criadas, há uma conexão entre o termo “magia” e o “ser uma pessoa LGBTQIAP+, algo que fica mais evidente no conto principal “Pé-de-ameixas-amarelas”. A temática LGBTQIAP+, inclusive, é o plano de fundo de todos os contos aqui presentes, mais precisamente a temática sáfica. Mas antes de aprofundar essa questão, acredito ser importante pontuar as motivações que me levaram a escrever um TCC nesse formato e temática.

A vontade de escrever surgiu muitos anos atrás, no final do ensino fundamental, onde passava o tempo livre criando histórias. Tinha recém ganhado um notebook de presente e achado a utilidade perfeita para ele. Quando cheguei no ensino médio, a vontade de escrever aumentou. Sonhava em escrever um livro, de tal forma que várias histórias surgiram na cabeça e comecei a passar diversas delas para o “papel”. Infelizmente, naquela época não consegui finalizar nenhuma delas. Foi um momento-chave quando, ao final da graduação, descobri a possibilidade da elaboração de um TCC em escrita criativa, considerando que as habilidades desenvolvidas no Ensino Médio, o gosto pela leitura e escrita poderiam ser resgatadas e, talvez, a realização de um sonho antigo.

Para além de uma realização pessoal, o trabalho se justifica pela carência nos cursos de Letras no Brasil, não só de trabalhos nesse formato, mas de disciplinas, programas, oficinas, atividades e práticas no geral em escrita criativa, ao passo que diversas universidades do exterior fomentam e dão ênfase, formando, construindo e valorizando a carreira de escritores, como é o caso de universidades como Harvard, nos Estados Unidos, e a graduação em Escrita Criativa e Literatura

(Creative Writing and Literature), a universidade de Warwick, no Reino Unido, e o curso de Literatura Inglesa e Escrita Criativa (English Literature and Creative Writing) e a universidade francesa Le Havre-Normandie, com o Mestrado em Criação Literária (Master Création littéraire parcours Création littéraire). Considero que seja significativo mostrar para estudantes do curso de Letras que é possível escrever um trabalho nesse formato, uma vez que muitos desses estudantes ingressam na graduação pelo amor à literatura e à escrita, e se deparam com um curso essencialmente teórico que, na maioria das vezes, não dá espaço para a criatividade nos trabalhos, que são geralmente feitos a partir da análise de outros textos. Desta forma, pretendo, com esse trabalho, manifestar minha criatividade e ser, de certa forma, referência e apoio para outros colegas.

Ademais, o fato de ser uma mulher bissexual e estar em um relacionamento homoafetivo há quase três anos, ser uma consumidora assídua de livros, filmes e séries LGBTQIAP+, me motivaram a escrever sobre a temática sáfica. O termo sáfico² (ou sáfica), empregado no título, faz referência direta à poeta grega da ilha de Lesbos, Safo, hoje vista como “símbolo atemporal da homossexualidade feminina” (Leite, 2017, p.3). Durante minha adolescência nunca ouvi falar sobre a história da poeta, tampouco tive acesso a textos da mesma ou que fizessem referência a ela. Na verdade, não lembro de, durante todo o ensino básico, ter qualquer contato que fosse com a cultura LGBTQIAP+ dentro da sala de aula, em nenhuma disciplina escolar. Apesar disso, personagens, casais e livros com temáticas heteronormativas eram frequentemente recomendações das aulas de literatura e de outras disciplinas. Na época, eu já me entendia como uma menina bissexual, tinham meninas e meninos na escola que se identificavam como pessoas homossexuais, e era um tema que aparecia nas rodinhas de conversa. Mas não tínhamos acesso a livros, séries, filmes, músicas ou conteúdos importantes, por exemplo, nas aulas de biologia, apesar de muitas crianças e adolescentes serem vítimas de bullying e outros tipos de violência gerados por preconceito e intolerância.

Somente mais tarde, depois do ensino médio e no ingresso para a universidade, comecei a ter mais contato com a cultura LGBTQIAP+, geralmente, por conta própria. Não me surpreendeu que professores homens heterossexuais, na

² Existe a discussão de que a utilização do termo "sáfica(o)" cause apagamento da identidade lésbica, porém nesse contexto é utilizado justamente para a inclusão de ambas as sexualidades: lésbica e bissexual. Levando em conta minha vivência como mulher bissexual e meu relacionamento com uma mulher lésbica.

sua maioria, não falam sobre autores(as) e histórias LGBTQIAP+. Quando esses temas apareciam, não era dada ênfase suficiente. Poucas vezes ouvi falar sobre Virginia Woolf, e, quando ouvi a primeira vez, não lembro dela ter sido mencionada como uma mulher sáfica. A primeira vez que alguém deu realmente ênfase para uma figura importante LGBTQIAP+, que me fez despertar e prestar atenção na aula como nunca antes, foi na aula de Teoria Literária V. Entre diversos temas, dialogamos sobre a ditadura no Chile, e sobre Pedro Lemebel, um escritor gay que lutou contra e criticou o autoritarismo.

A representação heteronormativa está por toda parte, em todos os espaços. Quando se é uma pessoa LGBTQIAP+, é difícil enxergar a si mesmo nos lugares. Mesmo que a representação exista, mesmo que a cultura cresça, parece que é escondida e apagada em espaços em que também deveria crescer e expandir. É importante para uma menina bissexual, que sonha em ser escritora, saber que Virginia Woolf, uma das mais importantes escritoras do nosso mundo, também era uma mulher sáfica. Não é apenas um detalhe, é parte de uma identidade.

Virginia Woolf, aliás, foi uma das grandes inspirações na produção dos contos deste trabalho, principalmente sobre aquilo que muitos a consideram como uma das pioneiras no uso, o fluxo de consciência, visto como “um monólogo interior do personagem” (Bertulino, 2022, p.7). No início do processo de escrita, o livro *Contos Completos* (2005) foi um dos meus grandes companheiros, tanto como fonte de inspiração, como para compreender melhor a construção de um conto, de forma prática.

Outra autora importante nesse processo foi Natália Polesso e sua obra *Amora* (2015). Apesar de Woolf ser uma grande referência, principalmente na construção e no uso de técnicas de escrita, a forma como suas histórias fluem ainda estavam um pouco distantes do que eu conseguiria e gostaria de escrever. Os contos de Polesso me mostraram uma outra perspectiva, uma nova forma de escrita, e também foram uma grande inspiração. As duas autoras, de gerações distintas e lugares distantes, com a carga de suas bagagens e o peso de suas histórias, foram de suma importância para a construção do presente trabalho.

Somado a temática sáfica, surgem outros temas na construção das narrativas, como infância, envelhecimento, morte e luto, muito relacionados às minhas próprias vivências e reflexões pessoais. E, para além dessas contemplações, se faz importante a compreensão da construção dos contos que

compõem este trabalho de conclusão de curso, também de suas inspirações, técnicas e estruturas. As notas sobre a escrita são o próximo tópico a ser apresentado.

1.1 NOTAS SOBRE A ESCRITA

O conjunto de contos presentes neste trabalho foi desenvolvido principalmente a partir da junção de experiências pessoais, relatos de terceiros e da reflexão sobre o mundo. Como mencionado anteriormente, eles misturam temas como infância, envelhecimento, vida, morte e luto, mas também outros como descobrimento da sexualidade, relações familiares, insegurança e violência. Cada conto possui uma história única, de modo que não há conexão entre as narrativas, a não ser pelo fato de que todas possuem como plano de fundo a temática sáfica, com personagens sáficas como protagonistas em todos os contos.

No conto “Se ganha pelo estômago” aparecem muitos elementos da minha infância, como o chalé, o fogão à lenha, as panelas penduradas no teto e nas paredes, que remetem à casinha de fogão à lenha que minha avó materna tinha no terreno de casa, onde preparava o pirão d’água e o peixe frito fresquinho, pescado pelo meu avô, para o café da manhã. Resolvi trazer como elemento fantástico características na própria personagem protagonista, que possui aparência e dons de bruxa, o que reflete em como a menina a vê, e como as pessoas no geral enxergam a velhice. Também explorei mais a narração em terceira pessoa e o discurso indireto-livre em alguns momentos. Esse tipo de narração é o que o autor Friedman (1967), comentado pela autora Chiappini (1987), chama de “onisciência seletiva múltipla”. Nesse tipo de narração ocorre “um predomínio quase absoluto da cena.” (CHIAPPINI, 1987, p.47). É como se narrador e personagem estivessem contando a história juntos, e fica difícil saber onde um começa e o outro termina. Em outros contos isso também aparece, até mesmo no conto “Propulsão Terrestre”, narrado em primeira pessoa, mas onde outro personagem “invade” a narração.

“Propulsão Terrestre”, aliás, foi o primeiro a ser finalizado. Assim como “Um Conto Sobre a Terra”, ele teve uma versão anterior, onde duas personagens apareciam no cotidiano e tinham um impasse, mas ele parecia “real” e monótono

demais, então surgiu a ideia de fazer algo relacionado ao espaço, como uma viagem, algo que não é impossível, mas que ainda assim é abstrato para a grande maioria das pessoas. A protagonista, que também é a narradora da história, está no espaço delirando enquanto sufoca no vácuo espacial, e reflete sobre sua vida na Terra, que no conto serve como a ideia de “imã”. Embora tenha ficado um conto mais curto comparado aos outros, surgiu com fluidez após algumas tentativas e a versão que se encontra aqui não obteve modificações.

“Uma Conto Sobre a Terra” foi um dos últimos a ser finalizado, e, no meio do caminho, recebeu diversos títulos e formas diferentes. Foi a primeira ideia que se manifestou, baseada e inspirada principalmente em jogos e filmes de fantasia onde as personagens femininas são de outros universos e possuem poderes mágicos. Na primeira versão, as personagens estavam no planeta Terra e uma delas tinha perdido a memória, e a outra se passava por psicóloga, esperando que ela recuperasse as lembranças. Elas tinham poderes relacionados aos elementos da natureza, e isso refletia em suas emoções e vice-versa. Durante a produção do conto, pude notar que não era esse estilo que tinha em mente, ainda queria que existissem elementos fantásticos e “impossíveis” ou improváveis no nosso mundo, mas a intenção era que isso aparecesse de forma mais sutil. Foi a partir desse ponto que tive a ideia de escrever histórias que fossem mais críveis e reais, mas com elementos que parecessem ou fizessem referência à magia e que fossem distantes da nossa realidade, ou seja, a um realismo mágico. Por fim, surgiu a ideia da versão final, de fazê-la como uma história contada, mas que tivesse nas entrelinhas sua veracidade oculta.

Na primeira versão, a narração desse conto também era diferente. A história era contada por um narrador onisciente, que descrevia o que observava, com pouco acesso aos pensamentos das personagens. Já nesta última versão, temos um narrador-protagonista, que está dentro da história e apenas conta o que sabe, “assim, a distância entre história e leitor pode ser próxima, distante ou, ainda, mutável.” (CHIAPPINI, 1987, p.43). Quer dizer, ela não tem acesso aos pensamentos dos outros personagens, conseqüentemente o leitor também não, sabemos apenas aquilo que a personagem - e os outros - fala, pelo diferencial de ser desenvolvido apenas em diálogos.

O conto “Namoradeira” mudou pouco ou quase nada de forma, a ideia central sempre foi a mesma, e também surgiu da minha vida cotidiana. No bairro onde meus

pais vivem existem muitas casas com “namoradeiras” nas janelas e sacadas, inclusive na rua onde fica a casa deles. Quando morava lá e subia a rua distraída, voltando da faculdade ou do trabalho, sempre era surpreendida pela escultura. Algumas histórias dizem que essas esculturas simbolizam a espera de um amor. Apesar da ideia não ter mudado, foi difícil desenvolver o conto, sendo um dos últimos finalizados.

O quinto conto, que dá nome ao trabalho, também mudou pouco de forma. Ele é, na minha perspectiva, o conto mais impactante do trabalho, e carrega muitos elementos da minha infância e adolescência. No sítio do meu avô, onde eu morei até os oito anos de idade, existia um “pé-de-ameixas-amarelas”, que era como eu chamava, mas na verdade se tratava de uma Nespereira. Nós sempre comíamos essa fruta, meu vô apanhava sacolas e mais sacolas. Recentemente, depois que ele faleceu, em um dia que eu estava no ônibus indo para a UFSC, vi várias dessas árvores carregadas de nêspersas, elas provavelmente já estavam ali nos anos anteriores da minha graduação, mas eu só reparei nelas naquele dia e veio a memória dele, da casa, dos primos juntos subindo nas árvores, dos dias de chuva, quando a terra molhava e tudo tinha um cheiro bom, um cheiro de infância. Assim, comecei a escrever o conto na aula de Didática D. A morte de uma das personagens principais, além de ser uma representação da violência sofrida pela comunidade LGBTQIAP+, simboliza também o meu próprio luto.

“Sonho Estranho” surgiu em um dia que sonhei com um elevador que funcionava de forma totalmente diferente da convencional, acordei e anotei aquilo, ele não foi desenvolvido imediatamente, também levou tempo para se estruturar. “Efeito Borboleta” foi uma ideia que ficou mais abstrata durante o processo de escrita e também mudou de título diversas vezes. Surgiu em um dia que estava procurando referências de armários e sofás no *Pinterest*, e apareceu uma imagem de asa de fada, e decidi que queria escrever algo nessa temática. Ele só foi desenvolvido mais para o final do processo de escrita.

O oitavo conto surgiu novamente do dia a dia. Estava indo para o trabalho e dei de cara com um outdoor com a frase “Quer crescer?”, era uma propaganda de faculdade. Comecei a pensar nos diversos sentidos dessa frase, e pensei em como seria interessante um conto somente com diálogos (essa ideia, no fim, acabou influenciando o primeiro conto também). Algo semelhante ao que Dalton Trevisan fez no conto “A volta do filho pródigo”, construído somente de diálogos entre o

personagem protagonista (o filho) e seus familiares. Para Zeni (2024) a estrutura narrativa do conto de Trevisan “suprime o narrador da elocução”, ele continua essa análise falando que

Trata-se de um conto cênico, dramatúrgico, feito apenas de diálogos encetados entre o filho que retorna e os demais integrantes da família: o pai, a mãe, o irmão mais velho, o irmão menor. Essa ausência de narrador, tanto no plano formal quanto na recusa da família em aceitar o filho que volta como narrador de suas experiências, exerce efeito curioso no leitor, que espera uma voz que conduza a elocução e organize os pontos de vista e os valores em jogo. Por um lado, ocorre um efeito de esvaziamento do ponto de vista e, por outro, mas de maneira análoga, se dá uma espécie de exposição absoluta dos personagens em cena. (Zeni, 2024, p.65-66)

Este seria, portanto, o efeito que gostaria de causar com o conto “Quer crescer?”, com a diferença de que, até o final do diálogo, a intenção é que a conversa seja confusa e não se saiba ao certo quem são as personagens envolvidas, novamente colocando o leitor em uma outra posição na narrativa, ele não é mais um “mero receptor do que se narra, mas [...] elemento estruturante que, afinal, torna nítida e dinâmica essa indistinção ou permutabilidade de vozes.” (Zeni, 2024, p.69).

O nono e último conto, surgiu em um dia de trabalho³. Estava atendendo um casal que já tinha uma certa idade, e o senhor queria provar um chapéu. Pegou o acessório e perguntou onde tinha um espelho, mostrei e ele começou a falar como aquilo era estranho, porque quando ele olhava para o espelho em casa, se enxergava mais jovem. Na hora achei engraçado e curioso, ficamos conversando, e pensei como seria interessante um conto baseado nessa história. Me fez refletir também sobre como as pessoas idosas se sentem em relação a sua idade e a tudo que viveram, e em como deve ser difícil para a maioria, principalmente pela falta de assistência na sociedade.

Esse é apenas um mapa para que não se leia as narrativas no escuro, compreendendo suas origens e como se deu a construção dos textos. Agora, vamos aos contos.

³ Atualmente trabalho com atendimento ao público, em uma loja de roupas e acessórios.

2 SE GANHA PELO ESTÔMAGO

Dona Ágata cozinhava um caldeirão de sopa no fogão a lenha. Todo mundo que passasse por perto do velho chalé sentiria o cheirinho da madeira queimando misturado ao aroma dos legumes e temperos. Todo domingo era a mesma sina. Cortava as batatas em cubinhos, as cenouras em rodela, a cebolinha verde picada bem picadinha, e enchia a panela de páprica, açafraão, pimenta e uma pitada generosa de sal. Nada mais que o necessário. A sobrinha, Maria, que a visitava de vez em quando para passar o fim de semana, sempre perguntava “Tia, pra que esse caldeirão de sopa todo domingo?”, ora filha, não há gripe, resfriado e alergia atacada que não se cure com um bom prato de sopa e não há prato de sopa feito com amor e bons temperos que não deem uma aquecida no coração, para começar a semana bem, dizia. A sobrinha ficava desconfiada com essa mania.

A tia era velha, bem velha, isso é certo. Na ponta de seu grande nariz tinha uma verruga e várias outras espalhadas pelo rosto e corpo, mas não era isso que a fazia parecer mais velha, certamente. A pele enrugada, os cabelos grisalhos e secos, a voz estridente e rouca, os dentes amarelados, ela tinha uma aparência que entregava sua idade, contrariando as expectativas de quem a observava, suas unhas estavam sempre bem polidas, limpas e brilhantes. E sempre usava um vestidinho meio rosado e remendado com várias estampas e babados na saia, nos ombros uma alcinha fina. Apesar da aparência e da idade avançada, sua sobrinha sabia que ela era uma mulher saudável e forte - além de muito vaidosa -, mesmo assim achava curioso tanta sopa toda semana, mas respeitava seus gostos, mesmo que fosse curioso.

Uma coisa não se podia negar: fosse uma boa sopa ou qualquer outro prato, não existia comida no mundo mais gostosa do que a de Dona Ágata. Maria não conheceu a avó nem outras tias, tinha apenas contato com o pai e a única irmã dele que restara, junto disso muita curiosidade e perguntas sobre o passado da família apareciam nas conversas, tudo ainda mistério para ela.

— Tia, com quem você aprendeu a cozinhar?

Dona Ágata ajustava o sal da sopa, e na gaveta no armário do outro lado da cozinha alcançava uma concha, duas colheres e dois pratos. Isso depois de passar pelo labirinto de panelas penduradas em ganchos no teto e ramos de sálvia.

— É coisa de família, filha. Minha mãe, minha avó, minha tataravó, todas nós temos dons, cozinhar é um deles.

A menina se acomodava na mesa quadrada de quatro lugares, bem no meio da cozinha, entre o fogão a lenha e o armário de pratos, enquanto batia sua perna ansiosa sobre a madeira velha do assoalho que rangia. O ruído não incomodava Ágata. Mergulhou a concha no caldeirão de sopa e levou até o primeiro prato, o cheiro do caldo ficara ainda mais evidente no ambiente.

— Bem que a senhora poderia me ensinar, né?

Agora enchia o segundo e os levava até a mesa em que Maria estava sentada, com calma para não derramar.

— Quando eu tiver bem velhinha, definhando, eu te ensino. Até lá, não.

— Uai, e por que não?

Ágata levou um tempo para responder a menina, estava ocupada soprando uma colherada da sopa quente.

— E perder suas visitas assim? Entregando o ouro pra você não voltar mais?

— Mas eu não venho pela comida não, boba. Eu venho é pela senhora.

Dona Ágata não esperava por essa, seus olhos marejaram e o sorrisinho de canto na boca ela não conseguiu evitar.

— E por que que a senhora nunca teve filhos?

— O universo tinha outros planos pra mim, meu amor. E eu tenho você!

Ela com certeza devolveu na mesma moeda.

— Mas por que tanta sopa?

De fato, não fazia sentido tanta sopa no interiorzinho de Minas, em Pedra Azul fazia muito calor. Pra quê tanta sopa afinal?

— A nossa família, filha, não é daqui não. Antes de vir pra cá, a gente morava em La Paz, faz muitos anos isso, e lá faz muito frio no inverno. Sua bisavó cozinhou caldeirões e mais caldeirões de sopa pra vender no Mercado de las Brujas. Foi assim que a gente conheceu tanta gente e viemos parar aqui, meu amor.

Mercado de las Brujas, Maria repetia as palavras internamente, com os olhos meio arregalados para a tia.

— Como assim Mercado de las Brujas? Tipo, com bruxas de verdade? A senhora é uma bruxa?

A menina levantou num impulso, surpresa com suas próprias palavras.

— Não, não, fia. São pessoas normais, que vendiam plantas medicinais, artesanato, esse tipo de coisa. O povo enxerido não pode ver algo diferente de outra cultura que já quer falar que é coisa de bruxa. Igual ficam me chamando por aí... Deve ser por isso que deram esse nome.

Dona Ágata tinha se virado um instante pra pegar mais sopa. Maria, que agora estava levantada, erguia as sobrancelhas meio desconfiada. Quando a velha senhora virou um instante pra conferir o porquê do silêncio e seus olhos fitaram os dela, Maria baixou a cabeça com rapidez e força, sem perceber a frigideira grande de ferro fundido pendurada bem na sua frente. A pancada foi tão forte que nasceu um galo pronto pra cantar na sua testa na mesma hora. A menina tonteou, mas antes que caísse, Ágata a segurou em seus braços e levou até a poltrona florida na sala, que ficava a dois passos da cozinha.

— Que porrada menina. Que foi isso? Ficou nervosa foi?

Maria não dizia nenhuma palavra, sua cabeça parecia que ia descolar do corpo e sair dançando pela casa de tanto que chacoalhava por dentro. Dona Ágata se afastou um pouco e alcançou o prato de sopa.

— Toma. Toma a sopinha que vai melhorar.

Ela não questionou, apenas seguiu as ordens. Pegou uma colherada, soprou e pôs pra dentro. Mais uma e mais uma. Até que não havia sobrado nenhuma gotinha do caldo bem temperado no prato e nenhum resquício de dor também. Aquela sopa era como remédio. Dona Ágata tinha um olhar sereno, acariciava um dos ombros da sobrinha e dava um leve sorriso com os lábios fechados. Não parecia preocupada.

— Melhorou, filha?

— Sim, bem melhor. Obrigada, tia. - quase se esquecia do motivo de toda essa situação, mas a bronca não ia faltar. - A senhora poderia pendurar essas frigideiras nas paredes ou guardar nos armários, né?

— É, pior que já me falaram isso.

Elas riram juntas. A sobrinha tomou mais um pratinho de sopa pra garantir que a dor não iria voltar, e também porque estava muito gostosa, principalmente os pedacinhos de batata que desmanchavam na boca. Conversaram mais um pouco e depois se despediram. No próximo domingo Maria estaria lá de novo, sem falta. Mas antes de ir...

— Tia, eu ainda não entendi por que você faz sopa toda semana.

— Bom... - Ágata hesitou em responder, mas sabia que Maria não ia sossegar enquanto não tivesse uma resposta que a agradasse, e também sabia que seus segredos - e sentimentos - estavam seguros com a menina. - Tenho uma grande amiga que conheci em La Paz e ela gosta muito da minha sopa, sempre vem me visitar como você e eu sempre faço pra ela.

— E por que nunca me contou isso? - franziu a testa e cruzou os braços, fingindo uma marra, mas logo o largo sorriso de Maria apareceu nos lábios. - A senhora ganha mesmo as pessoas pelo estômago.

Quando Maria foi pra casa o céu estava em tom laranja e rosa, o sol também já ia se despedindo. Ágata, encostada na porta, observava a sombra de sua sobrinha amada sumindo no horizonte, lá no fim da rua. E ao longe, uma figura feminina esguia, com roupas escuras e longos cabelos pretos andava com calma e elegância em direção ao chalé. Naquele momento do dia, Ágata se sentia radiante, sua pele ficava mais macia e corada, seus cabelos agora endireitados ganhavam cor, suas verrugas no nariz viravam pequenos sinais em sua pele. Naquele momento tudo estava alinhado.

Foi até o armário, alcançou mais um prato e o serviu de sopa. Sentou-se à mesa, esperando, ela com seus próprios pensamentos que repetiam “A senhora ganha mesmo as pessoas pelo estômago” e sorria.

3 PROPULSÃO TERRESTRE

Estava com muita dor de cabeça e com dificuldade de encher os pulmões de ar. Odiava ficar gripada. Peguei uma cartela de dipirona no armário e me lembrei de como me irritava a forma como Olivia destacava os comprimidos aleatoriamente da cartela. Comprimido. Vazio. Comprimido. Comprimido. Vazio. Comprimido. Vazio. Vazio. Comprimido. Vazio. Tinha certeza que era mais uma das obras dela. Olhei para a validade: 15/01/2035, acabava hoje. Sempre me considerei uma pessoa de sorte.

Olivia costuma falar que sou uma pessoa muito regrada, tudo tem que ser preto e branco pra você, ela diz, eu respondo que sim, porque a vida é assim, mesmo que a gente deseje que não, e ela sempre responde a mesma coisa, a vida é muito mais do que você pensa. E, sinceramente? Pode até ser, mas eu já tenho o meu sonho, e o alcancei vivendo assim. Quando eu era criança, voar pelo céu era coisa da imaginação, eu achava que isso não existia na vida real, fui crescendo e descobri os aviões, essa minha memória é de quando eu tinha uns 15 anos, voar pelo céu era possível, só não era na minha realidade. Quando cheguei no ensino médio coloquei na cabeça que queria ser astronauta. Ser astronauta é muito difícil, é um sonho pra rico, pra quem pode, dizia minha mãe, e por que eu não posso?, não entrava na minha cabeça isso. E então eu decidi, ia provar que esse sonho era pra mim.

Minha cabeça doía muito e meu corpo fervia, acho que estava ficando com febre. Lembrei das aulas de medicina espacial, sobre afogamento, vácuo, primeiros socorros, tinha um pouco de tudo na faculdade. Mesmo que Olivia brigasse muito comigo, ela foi a que mais me apoiou na minha viagem pro exterior, para estudar, e até veio me visitar depois de uns meses. Estava com saudade dela, era minha primeira missão, depois de 15 anos de graduação, estudos e muito treinamento. Estava com saudade de tudo. 15. 15 segundos é o tempo em que um astronauta pode ficar consciente ao se expor ao vácuo no espaço, antes que seus órgãos parem de funcionar, minha professora de medicina espacial repetia baixinho no meu ouvido, dor de cabeça, falta de ar, calor extremo. O vácuo espacial.

Olhava pela pequena janela, e não enxergava nada, mas sentia uma propulsão terrestre. Pra mim era tudo preto e branco, menos Olivia.

4 UM CONTO SOBRE A TERRA

— Há uma lenda sobre duas estrelas. Elas se amavam, mas o poder de ambas era tão forte que elas não poderiam ficar juntas sem destruir uma a outra. Cada estrela concebeu uma filha, e elas também estavam destinadas a se amar. Anya e Naya eram duas partes de um poder divino e juntas governaram o planeta onde nasceram. Naya, filha da estrela Vega, era a mais forte entre as duas, a guerreira do planeta Lira, e fazia de tudo para manter Anya em segurança, e, embora Anya não tivesse a mesma força bruta de Naya, carregava consigo todo o poder de sua mãe, Gamma, a estrela solar. Naya era a guerreira escolhida e Anya a princesa prometida. Juntas governaram por séculos o planeta que suas mães escolheram como sua casa. Mas com sua luz e seu poder, acabaram por atrair milhares de inimigos, que queriam roubar seus poderes e sua casa. Um desses inimigos era muito forte e poderoso. Orion era um ladrão de estrelas, sugava a energia, a força e o poder de toda estrela que surgisse em seu caminho. Ele foi ficando cada vez mais forte e poderoso, e se orientava pelo brilho que outras estrelas emitiam. Em uma batalha, mesmo com a ajuda de suas mães, Anya acabou se ferindo e ficando por meses fraca. Elas sabiam que não poderiam vencê-lo. Assim, para manter todos a salvo e proteger Anya, Naya resolveu que a levaria para outro planeta, distante de suas mães e de seu povo, e viveriam escondidas, disfarçadas, até encontrarem um meio de derrotar Orion e retornar para perto de sua família. Elas viajaram entre galáxias e mundos, procurando um refúgio onde se sentissem seguras. Acharam diversos planetas no caminho, mas não gostaram da ideia de serem lagartos enormes andando em duas pernas ou lulas gigantes. Elas procuraram muito, nunca desistiram, afinal estavam juntas, iriam enfrentar qualquer coisa. E foi assim que, depois de alguns anos, em uma primavera nublada, Anya e Naya chegaram à Terra, trazendo dias de chuva e sol, e muitas noites estreladas. - Ana fechou seu caderno de histórias com delicadeza e encarou os olhinhos arregalados que brilhavam e a encaravam de volta.

— Uau! - Maria soltou como um suspiro, baixinho.

— Essa é a melhor história que eu já ouvi na vida! - os olhos de Tiago eram só pupila.

— Prof, conta mais! - imploraram em coro.

— Prof Ana, eu sei um jeito de derrotar o Orion! - Léo saltou da cadeira, com o dedinho indicador levantado, como quem teve a melhor ideia da vida. Eureka!

— Qual, Léo? - Ana falou animada.

— O meu pai tem uma loja de eletrônicos e lá ele vende várias luminárias. - ele sacudia as mãos e dava pulinhos enquanto falava. — Você pode passar o contato dele pro Orion, se ele precisar de muita luz meu pai encomenda mais algumas no fornecedor dele.

— Eu gostei da ideia, Léo. Mas não sei se entendi direito como isso derrotaria o Orion.

— Se ele precisa de tanta luz, nós podemos ajudar ele a encontrar, né?

— Léo, o problema do Orion não é só medo do escuro. Talvez ele aceite as luminárias. Mas o principal objetivo dele, na história, é dominar o universo.

— Ah, nisso meu pai não pode ajudar... - ele fez biquinho e sentou na cadeira novamente, olhando pro lado, pensativo, como quem estava arquitetando um novo plano.

— Prof, como sua namorada se chama mesmo? - Rafaela mudou de assunto.

— Nádía. Por que, Rafa? - Ana fez a pergunta já sabendo a resposta.

— É que é bem parecido com Naya, né. Igual Ana e Anya. - os olhos semicerrados da menininha analisavam a professora.

— É verdade. Igual Orion e Oscar, né Oscar?

— Meu Deus, o Orion tá infiltrado aqui! - alguém gritou.

— Eu acho que a gente devia encher ele de cosquinha!

— Prof, quando elas chegaram aqui? - Júlia também estava interessada.

— Dizem, Juju, que quando elas chegaram aqui não havia nenhum sinal de humanos, há milhões de anos. A única coisa que encontraram foi um espírito poderoso que habitava o planeta, Tellus Mater. O espírito tomou a forma de um ser humano, uma mulher. Anya e Naya decidiram que era aquela forma que queriam ter. Parecia que, esse tempo todo, ela estava ali esperando as duas chegarem. Como presente de boas-vindas, Tellus deixou uma árvore com frutos, todas as línguas do mundo e um rio. Em troca, pediu que passassem seu nome adiante, e desapareceu. Elas se sentiram sozinhas, sentiram falta de suas mães e de seu povo. Por isso, começaram a criar seus próprios filhos, seus próprios fragmentos de estrelas. Povoaram a terra, passando adiante o nome de Tellus, em várias línguas.

— O que significa Tellus Mater? - os olhos de Rafa estavam brilhando. Também era a melhor história que ela já tinha escutado na vida.

— Mãe Terra.

— Eu acho que elas estão seguras aqui. - Leo voltou a falar.

— Por quê diz isso, Léo? - nem sempre Ana sabia a resposta.

— Porque elas estão em casa.

Ana sorriu.

— É, Léo, estão sim. - o relógio marcava 17:15, o sinal tocou e pegou todos desprevenidos. Estava na hora dos pequeninos irem para suas próprias casas, pensou Ana. — Bom gente, esse foi um conto sobre a Terra que eu tanto falei, promessa cumprida. Até a próxima aula!

— Conto? O que é um conto? - Camila ficou viajando em tão tão distante durante os quinze minutos inteiros da história.

— Mila, essa resposta fica pra próxima aula. - a menina deu de ombros e começou a ajeitar as coisas.

Todos arrumaram seus estojos e cadernos na mochila, ajeitaram as cadeiras. Os papéis picotados e as pontas de lápis ficaram pelas mesas. Sofia, a menor e mais quieta da turma, guardava tudo com os olhos vidrados em Ana. As crianças saíram da sala, ela ficou por último.

— Eu queria conhecer a Anya e a Naya, elas parecem ser legais. - falou, se lamentando.

— Quem sabe você já não tenha conhecido, Sofi.

— Mas elas ainda estão vivas?

— Elas são imortais. Tenho certeza que devem estar bem pertinho, cuidando de você.

— Mesmo?

— Mesmo.

Ana deu uma piscadinha, Sofia sorriu. Saiu andando em pulinhos para fora da sala. A professora arrumou as próprias coisas e a bagunça deixada pela criançada. Passou pelo corredor, pela diretoria e enfim pelo portão da entrada. Caminhou até o estacionamento na lateral externa da escola. E lá estava ela.

— Olha se não é a minha estrela favorita. - Nádia provocou. — Contou a história?

— Conteí. Eles adoraram. Ficaram pensando em como derrotar Orion.

— Você tem que começar a anotar, vai que um dia a gente precise.

O caminho para casa era longo. O céu estava estrelado e a constelação de Orion ainda estava lá. Por hora, elas ainda estavam seguras.

5 NAMORADEIRA

Toda vez que eu subia a rua dava de cara com a namorada da primeira casa. Sempre lá recostada no muro baixo e amarelo, as mãos sob o queixo e os cotovelos sobre o concreto. Sempre do mesmo jeito, nos mesmos horários e na mesma posição. Tinha um semblante amigável e os olhos azuis sempre fixos e penetrantes. Azul, aliás, era a sua cor. Usava na cabeça uma bandana azul e seu vestido possuía listras brancas e azuis. Os adornos azuis espalhados pelo corpo contrastavam com a cor rosada de sua boca e as bochechas sempre coradas, e nas unhas das mãos sempre pincelado um esmalte, também rosado. Era sempre um susto, eu subia a rua de cabeça baixa, olhando para os pés para não tropeçar em nenhuma lajota mal colocada. Em algum momento, por uma intuição talvez, eu levantava a cabeça e tomava um susto, como se já não tivesse acontecido o mesmo em todos os outros dias da semana, e ela ficava lá sorrindo pra mim.

A namorada não se aguentava. Uma vez por mês saía do seu posto pra namorar e viver a vida de verdade. Eu nunca tinha visto ela fazer isso, e, para ser sincera, eram só boatos do pessoal da rua. Até que um dia, quando estava descendo para ir num samba no centrinho, ela me abordou, toda animada com seu vestido rodado, pulando de um lado pro outro e perguntando pra onde você vai? Eu cocei os olhos com as costas das mãos umas 3 vezes antes de responder que ia pro samba e sem nem pensar ela lançou a sentença, pois eu vou junto com você. A namorada queria dançar e festejar, e ousou dizer que mais do que isso, queria mesmo namorar... Só não sabia eu que era comigo.

Pegamos o ônibus, todos nos olhavam. Fiquei pensando se conheciam a história da tal namorada ou se só estavam admirados com a mulher em que ela tinha se transformado. Na verdade, ela se parecia exatamente com a namorada inanimada que eu costumava conhecer, lá parada sorrindo pra mim, mas agora que tinha ganhado vida e não parava de falar nos meus ouvidos e perguntar tudo que queria saber, bom, ela parecia diferente, mesmo sendo a mesma namorada. Tinha algo nela que fazia todos olharem.

Quando chegamos no centro e descemos na plataforma, ela parecia hesitar, fui na frente andando e então ergui o braço esquerdo, para que ela pudesse alcançar minha mão, demorou uns 15 segundos, mas fiquei feliz quando ela finalmente alcançou, senti a palma gelada da mão dela na minha, que estava quente

e derretendo em suor, senti o choque térmico. O pensamento de como aquilo era possível ecoou na minha mente por um breve momento e se perdeu quando ela começou a falar novamente. Estou animada, disse ela de forma suave, e era a primeira vez que falava de si ao invés de perguntar sobre o resto, o mundo.

Fiquei ouvindo enquanto ela falava, mas agora prestava atenção. Nunca tinha ido tão longe na cidade, as pessoas contavam mentiras e mancharam sua reputação, ela aumentava o tom de voz e sua voz saía meio rouca. Na verdade, nunca tinha saído para dançar e namorar, só gostava de incomodar as pessoas que passavam pela rua, mas que, quando me viu... Meu coração ficou um pouco acelerado nessa hora e não consegui escutar direito o que ela dizia e só me dei conta quando ela perguntou e você? O que acha de mim? As palavras ficaram fazendo ziguezague dentro da minha boca e saíram todas atropeladas. Co-como assim?... É, ué, o que acha de mim? Você também ficava me namorando toda vez que subia a rua. Nessa hora meu coração bateu tão rápido que eu tive a impressão de que não estava batendo, mas respirei fundo e me recompus. Estávamos andando a um bom tempo e já conseguia ouvir a roda de samba, mas tinha que responder, porque a feição dela estava mudando novamente.

Eu não esperava que ela fosse se transformar em uma mulher de verdade, de carne e osso, mas quando subia a rua, às vezes, me pegava desejando isso. Alguém que me olhava como aquela estátua de cerâmica pintada, que me levasse para dançar e namorar nas noites quentes do verão. Sim, era uma estátua, mas era uma estátua com muitas histórias que me faziam acreditar que eu poderia sonhar e desejar sem medo, que tudo o que eu queria poderia ser real. E agora parecia ser, e parecia que tudo fazia sentido enquanto seguramos a mão uma da outra.

Andamos o resto do caminho em silêncio, podia sentir o calor das bochechas coradas dela e sabia que ela tinha notado o suor nas minhas mãos. Depois de poucos minutos, chegamos no sambinha, era difícil conversar com todo aquele barulho. Os cachos que tinha modelado no cabelo já estavam desarrumados depois de todo o suor, e minha maquiagem escorria nas laterais do meu rosto, mas ela disse que eu estava linda e me puxou para dançar, estávamos a poucos centímetros. Com a minha altura e falta de noção corporal, tenho certeza que não era bonito de ser ver meus movimentos, já ela parecia graciosa e sua expressão estava diferente, seus olhos pareciam engolir os meus, me sentia vigiada por eles, e

toda vez que desviava o olhar torcia para que ela continuasse me vigiando do mesmo jeito.

Nossos vestidos ficaram se batendo e voando com o ventinho que fazia, o cabelo dela balançava e ela sorria, toda vez que a roda cantava “Pra satisfazer essa mulher eu faço das tripas coração” me abraçava e beijava minhas bochechas e sorria mais e mais. Nossos braços iam e vinham, para frente e para trás, para os lados, mas nossas mãos não se desgrudaram um minuto. Imaginei nosso apartamento de cinquenta metros quadrados, nossos dois filhos felinos, e até nosso casamento. O fato de ser uma estátua enfeitiçada nem passava pela minha cabeça naquele momento. Meu corpo e coração estavam transbordando da magia que emanava dela.

Mas o samba acabou e as pessoas começaram a ir embora. Voltei para a vida real e nela meu telefone apitava, me lembrando que era hora de ir para casa. Assim como chegamos no samba, voltamos, em silêncio, mas dessa vez não era um silêncio confortável. Queria saber o que acontecia agora, mas estava com medo de perguntar e ouvir algo que não queria. Apesar do desconforto no ar, o rosto dela permanecia com uma expressão suave, um leve sorriso nos cantos dos lábios e os olhos brilhando. Isso acalmava um pouco meu coração e me dava esperanças de que tudo ficaria bem.

Chegamos na plataforma e alcançamos o ônibus um minuto antes dele partir, 23:15, era o último para o nosso bairro. Tinham dois bancos vagos perto da porta. Perguntei se queria ouvir música no fone, ela disse que sim, mas logo começou a me perguntar coisas. Você vai no samba amanhã? Não, amanhã não tem samba. Você sempre vai sozinha? Não, normalmente vou com algum amigo. Você gosta de mim? Não respondi. Sempre fica me encarando, aposto que gosta. Ela continuou provocando. Agora só mês que vem?, perguntei, achei que ia deixá-la sem resposta também. Se você quiser, posso ficar nessa forma para sempre, ficava de namoradeira só pra te admirar, ela retrucou. Mentira, falei, saía para namorar com os outros. Mas agora só fico para namorar você. Me calei.

Subimos a rua, continuamos além da primeira casa. O resto também é história.

6 PÉ-DE-AMEIXAS-AMARELAS

Era outono, naquela época as ruas da cidade ficavam cheias de pé-de-ameixas-amarelas. Lembro que, até os oito anos, eu e meu avô costumávamos pegá-las nos fins de semana, tínhamos uma árvore particular no terreno. Quando a casa estava cheia, abarrotávamos sacolas e mais sacolas, até não conseguir carregar só com uma mão, e todo mundo se fartava com a fruta depois do almoço. O quintal ficava cheio de caroços, mas a gente continuou só com uma árvore. Até que ele morreu, e eu já nem lembrava mais o sabor das ameixas-amarelas, nem como era ter uma casa cheia.

Quando fiz dez, comecei a ir sozinha para a escola e o caminho era cheio de pés-de-ameixas-amarelas. Mas agora eu conhecia outros tipos de ameixa, e comecei a duvidar se aquela fruta de formato estranho era realmente ameixa, se podia comer, se não fazia mal, eu não lembrava mais. Um dia, quando estava no caminho para a escola, vi uma menina um pouquinho mais alta que eu, cheia de pulseiras, com uma touca de lã - e nem estava tão frio -, uma blusa vermelha com uma estampa de bruxa por cima de uma blusa de mangas longas roxa, estava lá colhendo as supostas ameixas e comendo ali, direto do pé, como se fosse chocolate.

Curiosa, eu me aproximei e arrisquei colher algumas do outro lado, meio escondida entre os galhos. Mas eu tinha que perguntar. Respirei fundo e tomei coragem. "Isso aqui é ameixa?" saiu em um tom baixo e achei que ela não tivesse escutado, até que, com uma voz fina que foi engrossando, ela falou muito engraçada, não sei, mas são mágicas, então coma quantas puder. Eu ri, ela nem me conhecia e estava tentando me enganar, se fossem mágicas meu vô teria me contado, rebati. Eu me assustei quando ela foi se aproximando, com os olhos meio arregalados, pegou meu braço e sacudiu falando seu vô provavelmente não era um ser místico, e saiu correndo. Lembro que a primeira coisa que pensei foi "que menina doida", peguei algumas ameixas, coloquei nos bolsos e fui para a escola.

Quando cheguei em casa, depois do almoço, fui pro quarto e comi todas as ameixas que peguei e fiquei deitada por um tempo. Comecei a sentir uma coisa estranha no estômago, não era dor de barriga, era como se fosse um sopro fazendo cosquinha. Pensei na menina falando que as ameixas eram mágicas e fiquei me perguntando porquê meu avô não tinha me contado isso. E se ele não era um ser

místico, como eu poderia ser? Isso não é tipo genética? Porque, aquilo que eu estava sentindo na boca do estômago, só podia ser magia.

No dia seguinte a menina não estava lá e nem no outro. Procurei ela pela escola e também não achei. Queria contar pra ela que eu também era um ser místico e poderíamos ser amigas. No terceiro dia lá estava ela, colhendo suas ameixas. Eu corri apressada e quando cheguei bem perto falei quase sem fôlego que eu senti a magia das ameixas e que era um ser místico. Ela me olhou com indiferença, revirou os olhos e falou eu já sabia. Fiquei incrédula com a boca aberta. Como? Eu perguntei. E ela só me disse que sentiu e que poderíamos ser amigas. Perguntei como ela sabia que era um ser místico, ela disse que a vó dela tinha contado. Fiquei feliz, senti que tínhamos muito em comum, e tínhamos mesmo.

O outono passou e o inverno também, e com eles as ameixas amarelas e sua magia se foram, mas a minha amizade com a Isabel continuou. Quando chegou a primavera estava muito quente e ela continuava usando blusas de manga comprida. Um dia despretensiosamente falei pra ela que a nossa fonte de magia tinha acabado e que estava meio triste, e ela me falou sorridente que não precisava me preocupar, porque a gente tinha comido tanta ameixa no outono e no inverno que tinha uma mudinha nascendo dentro da gente, e agora a gente também tinha magia.

Isabel vivia sumindo da escola sem avisar nada. Tinha semana que ela faltava todos os dias. Uma vez perguntei porque ela só usava blusa de mangas compridas, se não sentia calor, ela ficou brava e disse que a mãe dela gosta que ela se vista assim, pra caso faça frio. Ela realmente ficou muito chateada nesse dia e não toquei mais no assunto. Eu tinha muito medo que a gente perdesse a nossa magia.

Quando aconteceu lembro que estava no caminho para a escola, era quase outono e o pé-de-ameixas-amarelas tava cheio de flor, eu e Isabel estávamos muito animadas para apanhá-las e encher nossas blusas com várias ameixas-amarelas, ficamos por semanas falando disso. No dia que lembro do pé estar carregado das ameixas, ela não foi pra escola, nem no outro. No terceiro dia a diretora me chamou em uma sala e tinha uma outra moça junto, elas me disseram que Isabel não viria mais, ela tinha morrido igual ao meu avô. Nesse dia meus pais foram me buscar e não consegui ver o pé-de-ameixas-amarelas nem apanhá-las.

Ninguém me disse o que aconteceu, ninguém na escola e nem os meus pais. Um dia, um tempo depois, achei um jornal guardado na gaveta da estante velha da

sala, e por curiosidade ou pela magia, eu decidi folheá-lo. A capa do jornal estava virada para baixo, por isso não vi de primeira, mas quando terminei de passar os olhos no resto, lá estava ela. Era a Isabel, estava na capa do jornal. Ela estava sorridente na foto, apesar de estar com os olhos fundos e olheiras - como de costume - parecia a Isabel que eu conhecia, feliz, animada, com um sorriso meio doido no rosto, eu sorri nessa hora se bem me lembro, mas esse sorriso sumiu do meu rosto quando li a manchete. Guardei o jornal na gaveta, me tranquei no quarto e chorei muito, acho que o dia todo. Não tenho tanta certeza porque, depois desse dia, minha memória dos quatro anos seguintes teve um apagão. Lembro de pensar enquanto chorava que a mãe da Isabel não era um ser místico também, talvez ela não gostasse da magia dela.

Faz vinte anos que tudo aconteceu, eu não entendia bem na época. Alguns anos atrás visitei a vó da Isabel, pelo caminho vários pés-de-ameixas-amarelas floresciam. Ela me entregou algumas coisas que disse que gostaria que ficassem comigo, como o diário e as pulseiras. Isabel escrevia muito sobre mim e sobre o pé-de-ameixas-amarelas. Faz vinte anos que Isabel plantou um pé-de-ameixas-amarelas dentro de mim, e ele continua crescendo.

7 SONHO ESTRANHO

Esses dias tive um sonho estranho.

No sonho tinha uma mulher comum, com características comuns. Ela tinha a pele muito branca e algumas pintinhas, o cabelo preto, um liso meio ondulado. Os olhos fundos e escuros. A boca não muito carnuda nem muito fina. Mas ela estava lá no mesmo sonho que o meu. Fiquei pensando se estávamos compartilhando nosso sonho, sonhando a mesma coisa, ou se ela fazia parte do que a minha cabeça tinha inventado.

O chão era feito de nuvens, tinham prédios de formatos diferentes na minha frente, mas estavam muito colados. Quando olhei para o outro lado tinha um elevador isolado com duas portas lado a lado, ela estava lá dentro de uma das cabines tentando fazer subir. Resolvi chegar mais perto.

— Estamos no mesmo sonho? - falei baixinho.

— Acho que sim. - ela sorria, parecia animada apertando os botões no painel.

— Quero subir para ver a vista.

— Já tentou na outra porta?

— Sim. - bufou. — Não funciona.

— Vou tentar!

Me dirigi à outra porta, todos os botões pareciam o mesmo, só que com números ou figuras diferentes, como elevadores normalmente são. Mas tinha um botão minúsculo abaixo dos outros, com um formato e cor diferente, ele ficava mais espichado para fora.

— Ei, você já tentou esse botão verm... - apertei e fui lançada para cima com tanta força que nem sei o que saiu ou ficou na boca. Só consegui ouvir um “Funciona!” animado lá embaixo.

Quando o elevador parou, o que já não fazia sentido perdeu ainda mais qualquer resquício. Eu estava em um dos prédios, que estava do lado oposto do elevador, mesmo assim ele me levou ali. Era o que o formato da varanda indicava, ela possuía um beiral que parecia imitar ondas e uma porta antiga de correr que separava a varanda do restante do espaço, o piso de tacos era velho, embora toda a estrutura estivesse inteira e bem pintada em amarelo claro. Vinha um cheirinho de comida do outro lado, aquele cheirinho de restaurantes de buffet livre, com fogão à lenha, num pesque-pague de cidadezinha de interior. Pus o pé para dentro do salão

vazio, que não era muito grande. Quando enfiei o corpo todo para dentro o espaço inflou, dobrando de tamanho. Surgiu um corredor à minha frente com diversas portas e atrás de mim o banquete estava posto, lá estava o fogão à lenha cozinhando uma comida com um cheiro familiar.

— Ei! - ouvi o grito lá de baixo.

Voltei para a “realidade”, lembrando que tinha alguém para ajudar a subir, só não sabia como faria isso. Fui abrindo as portas em busca de alguma escada e nada, até que na décima porta do lado direito encontrei uma escadinha com uns quinze degraus para baixo, desci e abri a porta que tinha no final. Para minha surpresa era uma passagem bem ao lado do elevador, estava camuflada porque do outro lado ela era feita de nuvens e se perdia na paisagem. A mulher, que ainda estava apertando os botões loucamente, ficou surpresa ao ver que eu tinha descido.

— Como você fez isso? - perguntou animada.

— Tem uma passagem aqui do lado, vem! - falei dando pulinhos e me dirigindo novamente à porta.

Ela me seguiu e subimos as escadas devagar, o espaço era muito estreito.

— Não faz sentido nenhum serem apenas quinze degraus, você foi parar lá no topo com o elevador. São uns dez andares! - Eu não tinha parado para pensar nisso, mas realmente não faria sentido... Se não fosse um sonho.

Andamos por todo o corredor e chegamos no salão. O buffet ainda estava lá e ainda cheirava muito bem.

— Vamos comer? - perguntei meio receosa.

— Sim! Estou morrendo de fome.

Servi um prato, com mais comida do que eu realmente aguentaria. Quando me virei de volta para o salão ele estava repleto de mesas com quatro cadeiras e toalhinhas de xadrez em tons vermelhos. Sentei, me preparando para dar a primeira garfada no bife que tinha pegado. Eu só não estava contando com a textura de gelatina que toda a comida no prato tinha. Era tudo feito de gelatina. Fiquei horrorizada.

Ela sentou ao meu lado e acho que minha cara de descontentamento ficou nítida.

— O que foi?

— Olha essa comida! - levantei o bife com o garfo. — É gelatina!

Ela inclinou a cabeça para o lado, me encarando como se eu fosse a pessoa mais esquisita do mundo.

— E você queria que fosse como? - deu uma gargalhada gostosa de ouvir. —
Você não é daqui, né?

—Como assim “daqui”? - Arregalei os olhos e agora eu que a olhava como uma esquisita. - Isso é um sonho!

— Sonho?

Ela evaporou como mágica e depois todo o resto. E eu acordei.

Se aquilo não era um sonho, o que era?

Eu não sabia. Mas esperava dormir e encontrá-la novamente.

8 EFEITO BORBOLETA

Acordei com duas asas a poucos centímetros do meu rosto. Não sei como não as tinha percebido antes. Na verdade, sei. Mas eram lindas, e agora pelo menos eu pude admirar com calma, prestando atenção nos detalhes. Ela cobria as costas todas, tinha alguns detalhes em azul, desenhada em um traço fino e delicado. Era linda. Enquanto admirava, passou pela minha cabeça que eu não sabia nem o nome da dona das asas. Senti aquele arzinho subindo do estômago e os dentes tremendo prontos para saltarem para fora da boca, mas fui rápida e tampei com as mãos para não fazer barulho e acordá-la. A vida tem dessas, mas é bom, pensei. Acho que fiquei uns quinze minutos apreciando.

A noite tinha sido longa, bem longa. Estava exausta e acho que ela também. Resolvi levantar e preparar um café. Aproveitei e fiz um pão com manteiga na chapa. Da cozinha ouvi ela se espreguiçando. Coloquei uma xícara de café puro na bandeja, sachês de açúcar que achei perdidos na geladeira e o pratinho com o pãozinho tostado.

— Tá viva? - ela perguntou com voz de sono, estava sorrindo também.

— Sim, graças a você. - falei aliviada.

— Você tem que tomar mais cuidado com o que bebe e onde bebe. - ela falou meio séria. - Nem sempre vai ter alguém com asas pra te salvar do precipício.

— Você bem que podia aparecer e me salvar todas as vezes. -brinquei. Coloquei a bandeja ao lado dela na cama. - Como chegamos aqui?

— Voando.

— Sério?

— Não. - ela fez que iria rir, mas segurou. - Te trouxe no ônibus.

Fiz cara de séria, ela não sabia meu endereço, eu não falei.

— Além de asas você tem o dom da adivinhação?

— Eu não, mas você é a gênica que anda com um papel escrito o endereço de casa na carteira pra não se perder. - e caiu na gargalhada.

— Toma logo esse café, vai.

Ela riu mais um pouco, encostou uma das mãos no meu ombro e limpou as lágrimas no canto dos olhos. Bebeu um gole do café, mordeu um pedaço do pão.

— Você não vai comer? - perguntou de boca cheia. Estava enjoada, tinha bebido muito na noite anterior, passei mal e escorreguei para fora do prédio quando

me encostei no parapeito. Tinha aceitado minha morte nos cinco segundos de consciência que tive. Nessa hora ela apareceu, pulando logo atrás de mim. A última coisa que lembro de ter visto foram as enormes asas azuis saindo das costas e ela mergulhando na minha direção. - Você se lembra de mim no começo da festa?

Eu não lembrava. Fiquei em silêncio olhando pro teto.

— Nós dançamos juntas, gênio.

Não lembrava de nada mesmo, mas fiquei feliz em saber disso, espero que a gente tenha dançado bem juntinhas, fiquei pensando.

— Eu fui cumprimentar umas amigas que tinham chegado, pedi pra você me encontrar na cobertura em uma hora. Achei que você tinha subido lá pra me ver, não pra se jogar.

Minha mente rebobinou instantaneamente. Claro, foi por isso que subi na cobertura. Só acabei bebendo demais antes disso.

— Me dá um desconto, eu bebi muito, mas foi por você que eu subi lá.

— Entendi... agora lembrou, né?

— Foi o efeito que você causou em mim. Pelo menos agora a gente tá aqui, né?

— É, fez até cafézinho na cama...

— Já dá pra casar?

9 QUER CRESCER?

F: Tem um outdoor novo enorme ali na esquina, você viu?

M: Não reparei não, tem tantos.

F: Hoje andei menos distraída e reparei no anúncio.

M: E o que diz?

F: “Quer crescer?”. Fiquei pensando nessa frase o dia inteiro.

M: Por quê?

F: Porque eu quero crescer.

M: Você já é bem crescida, né?

F: Não estou falando de idade nem de tamanho. Quero crescer como pessoa, ser diferente, voltar a morar sozinha, fazer o que eu quero fazer.

M: Crescer como pessoa não tem a ver só com isso não. Mas o que tá te impedindo de fazer essas coisas?

F: Fico com medo. O que você acha que é crescer?

M: Crescer é ter coragem de ser o que é. Entender que o que você faz para si, só afeta você mesma, vice versa.

F: E se você não gostar do que eu vou falar?

M: Como assim? Desde quando tenho que gostar de algo?

F: Ai, sei lá.

M: Você tem que aproveitar o tempo que tem para crescer.

F: Mas eu ainda tenho tempo, né?

M: Você tem sim, mas tem gente que para no tempo, e o tempo não para pra te esperar. E não tem problema parar, só que às vezes é difícil perceber ele passando, às vezes o problema é que não queremos ver. Uma hora podemos despertar exatamente no momento que deveríamos, mas isso é incerto e pode demorar muito... Bom, apesar do tempo não parar, ele ainda é seu.

F: Você queria mais tempo?

M: O tempo que tive, eu aproveitei, e o que ainda tenho, vou desfrutar. Também é importante olhar com carinho pro que vivemos. Pode não ser grande coisa, mas ainda é a nossa vida. E apesar de tudo, sei que sempre vou ter você. E você também.

F: Você gosta de mim?

M: Oras, eu te amo! Que pergunta é essa?

F: Amar e gostar são coisas diferentes.

M: Eu amo e gosto de você.

F: Gostaria de qualquer forma?

M: De qualquer forma. Até com asa e chifre.

F: Prefiro sem.

M: O que você quer me contar, filha?

F: Mãe... eu acho que sou lésbica.

10 O QUE É QUE A SENHORA VÊ QUANDO OLHA NESSE ESPELHO?

Um pequeno objeto oval, esculpido à mão com um acabamento amador. Era leve, e apesar dos detalhes tortos, era delicado e tinha sua beleza. A velha Clarice andava com ele no bolso para lá e pra cá. Quase como um segredo. E era. O pequeno espelho revelava a ela sua imagem juvenil, de anos e anos atrás. Um espelho mágico, talvez. Havia sido dado a ela com muito carinho como presente de casamento. E Clarice olhava para o reflexo todos os dias.

Com o passar dos anos, as memórias de Clarice ficaram afetadas, ela foi adoecendo e envelhecendo cada vez mais rápido. Porém o espelho não esquecia, ele que a fazia viajar e recordar momentos do passado que se embaralhavam e perdiam na memória. Andava com ele no bolso religiosamente. Todos os dias sentava na cadeira de balanço na varanda, cantarolando e se admirando no reflexo, pensavam, mas ela não deixava ninguém tocar ou olhar para o objeto.

O que seus filhos e netos não sabiam era o principal motivo desse apego, a magia por trás do espelho. Era algo que ela não contava à ninguém. Seus pais morreram sem saber de sua existência, seus filhos e netos descobriram por acaso. Volta e meia a pegavam falando sozinha, e a família começou a se preocupar com o estado mental da senhora e por sua obsessão pelo objeto.

Certa vez, uma das netas de Clarice a pegou em um desses momentos. Sentou-se na outra cadeira de balanço, ao lado dela.

— Vó, o que é que a senhora vê quando olha nesse espelho? - a neta perguntou.

— Eu mesma... - Clarice respondeu séria, como se escondesse algo. Claramente não era muito boa nisso, surpreendente ter guardado por anos.

— E por que fica se admirando por tanto tempo?

— Ah. - pensou, se ajeitou na cadeira e respirou. Foi um respiro curto, quase como um suspiro. — É que eu lembro da minha vida, de quando eu era mais nova e as coisas não eram tão difíceis... - Clarice olhava o jardim, respirava fundo, tentando entender como se sentia. — Envelhecer é difícil. Tudo se perde.

Pairou um silêncio entre as duas. A neta não sabia o que responder, queria confortá-la. Mas envelhecer parecia mesmo difícil, pensava.

— A senhora vê o meu avô nesses momentos, vó? - foi a frase que conseguiu articular.

Seu Juvêncio tinha falecido há 15 anos, foi vítima de acidente dirigindo um trator. Clarice chorou muito, adoeceu por dias, ficou triste. Nos anos seguintes ela repetia pra quem perguntava que “homem morria assim, porque é burro e quer sentir a adrenalina de manusear coisa que não sabe, tá aí o resultado”. Depois de sua morte ela teve que vender a fazenda e ir morar mais perto da cidade, onde os filhos moravam. Depois disso, adoeceu ainda mais.

— Não. Não vejo Juvêncio não. Nem lembro mais do rosto dele, se apagou como muitas coisas.

— Deve ser triste esquecer o rosto de alguém importante.

— É triste esquecer o rosto de quem se ama, minha filha. Mas isso é difícil também. Quando você ama, você dá um jeito. Tem jeito que é mais fácil né. - ela arreganhou os dentes. A neta com as sobrancelhas franzidas e um ponto de interrogação na testa.

— A senhora é engraçada às vezes.

— Quando seu pai me fez vender a fazenda e vir pra cá, esse foi o fim da minha vida. - cuspiu as palavras, com a voz embargada, com toda a mágoa que raspou do fundo do peito.

— Mas por que você veio, vó?

— Porque eu não tive escolha. Ele ameaçou me abandonar lá, não te levar pra me ver. Eu também sabia que era pro meu bem.

— Então, vó. Por que a senhora acha tão ruim?

Ela enfiou a mão no bolso do avental velho e manchado. Tirou o objeto oval de lá de dentro.

— Agora esse segredo vai ser nosso.

A menina, com os olhos arregalados, estendeu a mão, pegando o objeto com cuidado, como se fosse a coisa mais valiosa no mundo. Percebeu os lírios esculpidos, as pontas tortas que espetavam o dedo. O material parecia bom, era pesado, mas também estava enferrujando. Há quanto tempo minha vó tem isso?, passou pela cabeça da menina, pensou em perguntar, mas ao virar o objeto e ver o outro lado, muitas outras dúvidas surgiram em sua mente, dúvidas que poderiam levar muito tempo para serem respondidas.

— Mas vó, isso não é um espelho. - ela olhava confusa para o objeto e para a senhora. - É um retrato... Essa aqui não é sua falecida amiga? Helena?

Helena.

Helena Ramos.

Minha Helena.

Clarice pensava. Sonhava. Olhava para o jardim, viajava no tempo.

Os tempos onde vivia na fazenda. Quando suas pernas faziam o que pernas fazem. Corria, corria para longe nos campos, incomodando os rebanhos de animais, enquanto o marido capinava o terreno, cuidava dos animais e das plantações. Clarice fazia suas obrigações domésticas o mais rápido que podia, só para vê-la.

A vizinha da fazenda do lado, esposa do amigo de Juvêncio - recém mudado da cidade -, conheceu Clarice em um jantar na casa deles, de boas-vindas. Helena era o nome dela. Logo viraram amigas, mais rápido que isso, viraram amantes. Tinham segredos e combinados. Limpavam a casa e faziam comida para os maridos o mais rápido que podiam. Se encontravam sempre às quinze horas em ponto, no salgueiro perto do lago da estrada velha, onde não se via gente. Corriam juntas pelos pastos, Clarice não correu tanto na infância como naquela época já adulta. Se amavam nas tardes inteiras debaixo do velho salgueiro, todos os dias. Um segredo dos três. Um segredo sagrado, profundo, úmido e eterno.

Clarice via a si mesma quando olhava o pequeno objeto.

Via pois lembrava de ser feliz, de sentir o fogo da vida e da liberdade.

Lembrava de toda a sua vida junto à sua eterna amante.

A sua eterna amada, Helena.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se constituiu a partir da produção de nove contos, envoltos, em sua maioria, dentro do que se costuma nomear como Realismo Mágico, que se caracteriza pela mistura de elementos reais e fictícios. Além disso, todas as suas personagens protagonistas são sáficas, portanto todas as narrativas carregam como plano de fundo ou como plano central, a temática sáfica. Outros temas se entrelaçam e se desenvolvem de forma individual em cada conto, principalmente temas como memória da infância e envelhecimento, muito relacionados à experiências pessoais.

Apesar de se tratar de um modelo de TCC diferenciado, apoiado principalmente na criatividade e vida pessoal, o processo foi lento e desafiador em diversos sentidos. Para escrever é necessário ter disciplina e tempo, o que se torna um desafio quando se tem uma jornada dupla, dividida entre trabalho e estudos. Muitas vezes o cansaço vence, e a promessa de escrever um pouco todos os dias, não é cumprida. O mais inoportuno é que as ideias costumam aparecer nos momentos mais exaustivos, naqueles dias em que não se tem vontade de levantar da cama para nada, e assim muitas delas acabam se perdendo. E quando o pico de energia está lá em cima, elas resolvem não se manifestar.

O processo de escrita também contou com muitos aprendizados, um deles foi que nem sempre ideias que parecem boas, serão boas na primeira tentativa. Na maioria das vezes é preciso lapidá-las. Muitas ideias não foram desenvolvidas no percurso, já outras foram reformuladas várias vezes até que se encaixassem e fizessem sentido com o todo, como foi o caso de “Um Conto Sobre a Terra”. Um outro aprendizado interessante é que narrativas especiais podem surgir das situações - e pessoas - mais improváveis, como é o caso do último conto. Escrever um trabalho como esse exige sensibilidade e paciência para observar o mundo.

As obras *Contos Completos*, de Virginia Woolf, e *Amora*, de Natália Polesso, serviram como um grande apoio no processo de escrita. Woolf, por um lado, por escrever contos de forma totalmente diferenciada e experimental. Suas narrativas possuem estruturas incomuns, o ponto de vista nem sempre é claro e, muitas vezes, não sabemos ao certo do que se está falando, o que o narrador está pensando e observando. Woolf inspira ao mostrar que é possível falar sobre objetos, paisagens e

os lugares mais banais, por muitas páginas, e tornar isso interessante. A escrita de Woolf é difícil, as narrativas são desafiadoras, e acredito que é isso que torna tudo tão belo e inspirador. Do outro lado temos Polesso, com sua obra *Amora* que, assim como esse trabalho, traz em suas narrativas a temática sáfica, envolto em uma escrita mais contemporânea. Alguns contos como “Flor, flores, ferro retorcido”, “Vó, a senhora é lésbica?” e “Amora”, foram como um abraço. De uma forma mais clara, fluída, mas ainda complexa, me mostraram como eu queria escrever os meus.

Dessa forma, esse trabalho se construiu em cima de três pilares principais: os conceitos trazidos principalmente por Chiappini e Prose, que possibilitaram a compreensão dos limites de narração, de diálogos e outras características narrativas, e ensinaram a utilizar esses elementos de forma mais inteligente. As referências de inspiração, que permitiram enxergar, de forma prática, as possibilidades de uso das palavras e da imaginação. E as experiências pessoais, principalmente as memórias da infância, que teceram as paisagens, os diálogos e as personagens. Essa grande mistura no processo demonstra que, apesar de considerar o papel da criatividade e da pessoalidade na escrita algo intrínseco às narrativas, o estudo das teorias, técnicas e leituras de referências, moldaram e estruturaram a forma dos contos, trazendo mais complexidade para a narração, para os diálogos e para a construção de personagens. Isso demonstra que ambas as coisas podem, e devem, caminhar juntas. A criação, porque alimenta a arte e a alma. A pesquisa, porque engrandece e torna a narrativa complexa..

Além da importância do processo de criação e pesquisa para a produção deste trabalho, é importante ressaltar e destacar o papel da literatura sáfica, temática central que norteou todos os contos. As narrativas sáficas da atualidade são, para Soares (2024), um “testemunho da luta contínua pela igualdade de gênero e sexualidade e um lembrete poderoso da necessidade de continuar desafiando as normas e os preconceitos que ainda permeiam nossa sociedade.” (Soares, 2024, p.15). Preconceitos estes que rastejam por ambientes como o meio acadêmico, muitas vezes de forma silenciosa, com, por exemplo, o apagamento de partes da identidade de autoras sáficas, a falta de ênfase em obras e discussões sobre temáticas LGBTQIAP+, principalmente em disciplinas que carregam em seu nome “gêneros e sexualidade”, mas estão vazias de material que de fato abraça essa comunidade marginalizada. Em seu trabalho, Soares também destaca a importância

da literatura sáfica nesse contexto, para ela a literatura é “um espaço vital de luta e resistência, onde identidades e experiências silenciadas ou marginalizadas encontram voz e visibilidade.” (Soares, 2024, p.13). Penso que, nesse sentido, este trabalho tem muitos significados, para além do seu modelo e da criação, ele também demonstra resistência e um apelo para que as vozes e a visibilidade das obras, autoras e da própria comunidade que frequenta lugares como a universidade, não sejam silenciadas e apagadas. Assim como as escolas, a universidade também é um microcosmo da sociedade, refletindo os problemas e dificuldades que encontramos nela.

Espero que essas histórias floresçam, como um pé-de-ameixas-amarelas, no coração de quem lê-las, assim como as memórias, o afeto e a saudade floresceram no meu peito e deram esses frutos. Também desejo que lembre e, de alguma forma, resgate a voz daqueles que se sentem silenciados e invisíveis. A escrita desses contos nasceu anos atrás, em um dia colhendo ameixas-amarelas no quintal da casa do meu avô. Floresceram nas descobertas da adolescência e se transformaram, agora, em novas narrativas. Escrever tem esse poder de criar mundos, ecoando histórias do nosso passado e presente, podendo, também, mudar nosso futuro. Lembrar é sempre importante. Escrever se faz necessário, para que a história não se perca.

REFERÊNCIAS

AMABILE, Luís Roberto. Do que estamos falando quando falamos de escrita criativa. *Criação & Crítica*, n. 28, p., dez. 2020.

BERTULINO Cavalcanti, A. C. (2022). O fluxo de consciência com a retórica irônica em "Uma sociedade" de Virginia Woolf. *Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte*, 4(1), 32–48. <https://doi.org/10.22456/2596-0911.122392>

CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1987

DOS SANTOS, Bruna Carla; BORGES, Erinaldo de Jesus. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. *Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio*, Belo Horizonte, n. 32, p. 20–27, 2018. DOI: 10.5752/P.2358-3231.n32p20-27. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoscespuc/article/view/16946>. Acesso em: 13 out. 2025.

LEITE, Letticia Batista Rodrigues. Safo de Lesbos: ícone lésbico. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 11, 2017.

MORICONI, Italo. Apresentação. In: PROSE, Francine. *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem pretende escrevê-los*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POLESSO, Natália Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

PROSE, Francine. *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem pretende escrevê-los*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SOARES, Milena Dias. Além dos rótulos: uma análise sobre as múltiplas representações da mulher sáfica em Amora e em Lado B. 2024. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

ZENI, Bruno. Vampiros antes do vampiro: a furtiva inclusão do leitor nos primeiros livros de Dalton Trevisan. In: PAIXÃO, Fernando; GUIMARÃES, Hélio de Seixas (org.). Dalton Trevisan: uma literatura nada exemplar. São Paulo: Tinta-da-China Brasil e Instituto de Estudos Brasileiros, 2024. p. 1-245. Disponível em: <https://www.ieb.usp.br/dalton-trevisan-uma-literatura-nada-exemplar/>. Acesso em: 26 out. 2025.

WOOLF, Virginia, [1882-1941]. Contos completos/Virginia Woolf.2.ed. - São Paulo: Cosac Naify, 2005. 472 pp., 02 ilust.